

Notas sobre Práxis Jornalística¹

Marcelo José Abreu LOPES²
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

Este texto fala de experiência recente com estudantes de jornalismo em busca de uma “práxis jornalística”, ou seja, uma visão dialógica entre teoria e prática. Para tanto, os jovens jornalistas são convidados a realizarem exercícios de leitura-escritura, onde tem papel central, como texto mediador, as próprias reportagens escritas por eles. A partir daí vislumbram-se possibilidades de outras realidades, outras noticiabilidades, outros valores.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; práxis; experiência; identidade; ideologia.

Introdução

A despeito de uma vasta reflexão existente, tanto na Educação, como no Jornalismo, sobre a necessidade da integração entre teoria e prática, na prática – a corroborar aquele velho axioma – “a teoria é outra”. Ou vice-versa. Uma rápida passagem por matrizes curriculares de alguns dos principais cursos de jornalismo brasileiro, e também por planos de ensino de disciplinas, nos revela que, no mínimo, as potencialidades da plena integração teoria-prática ainda têm muito chão pela frente.

A experiência com publicações laboratoriais, inclusive em concursos como a Expocom, da Intercom, acusa-me que a reflexão teórica realmente crítica sobre esses produtos laboratoriais, produzindo inovação e criatividade, trata-se de exceções que confirmam a regra: nós ainda estamos muito centrados na reprodução de esquematismos e padrões consagrados na indústria. Ou, em outras tantas vezes, temos produtos que, de alguma forma, tentam diferenciar-se daquilo já existente no mercado, mas nem sempre essa prática está acompanhada de uma reflexão teórica que a justifique. Percebe-se, nos estudantes, uma grande dificuldade de relacionar teoria e prática para aquilo que realmente interessa:

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Doutorando do Curso de Ciências da Comunicação da ECA-USP. Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda no Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Email: marcelojose.lobes@mackenzie.br.

identificar as contradições entre umas e outras e, a partir daí, ser propositivo, buscando caminhos.

Esse é um desafio não somente para as chamadas disciplinas práticas (e a insistência dessa taxonomia é uma das grandes evidências de todo esse problema mal resolvido), mas também para aquelas que se dedicam às chamadas “teorias do jornalismo”. O fato desses conteúdos, muitas vezes, serem ministrados em disciplinas específicas, em tempos e espaços distintos da periodicidade e da sala de redação, dificulta a estudantes e professores uma compreensão mais profunda não só da mera relação, mas da aplicabilidade das teorias sobre os produtos.

Uma experiência realizada com estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, frequentadores da disciplina “Práxis Jornalística”, tem buscado uma dialogia constante entre teoria e prática, de modo a compreender que, embora coisas distintas, são indissociáveis. Nessa proposta dialógica, estudantes têm que se debruçar não apenas sobre seus produtos, mas principalmente sobre os processos de que tomam parte, buscando a transformação não apenas das práticas, mas também das teorias.

Os resultados até o momento apontam para uma necessidade de desmistificação de vários valores que têm dado sentido à profissão há décadas, e também apontam para outras possibilidades de valores-notícia, para além das taxonomias clássicas de noticiabilidade ‘naturalizadas’, de certa forma, por nosso *habitus* profissional.

Evidentemente, a experiência também apresenta as dificuldades e limitações enfrentadas pelos estudantes em suas relações com a miríade de valores, regras e procedimentos que constituem a identidade e, por que não, também a ideologia profissional.

O jornalista e seus “duplipensamentos”

Uma primeira limitação apresentada pelos estudantes desde o início do curso – e que em si já é um forte indício da desconexão entre teoria e prática – é a percepção de que se dá fé a alguns valores profissionais ao mesmo tempo em que se desejam outros. Pode haver aí, inclusive, incompatibilidades entre uns e outros, mas nem sempre isso é percebido claramente; há, contudo, uma inquietação latente.

Temos diagnosticado, nas experiências semestre a semestre, que os sentidos de “jornalismo”, de “notícia” e de “ser jornalista” reduzem-se a aspectos os mais técnicos e superficiais, porém, largamente difundidos pelos meios de comunicação e também pelos

meios acadêmicos, quando estes apenas reproduzem os primeiros. A palavra “informação” aparece aqui como um sentido fortíssimo e amplo, uma espécie de coringa, palavra-chave a definir quase tudo que circunde e guie o jornalista – e desde seus primeiros dias como estudante.

Na verdade, por ser um sentido tão hegemônico, ele já se faz presente desde antes a primeira aula. É o que revelam enquetes realizadas, ao longo de mais de dez anos, com estudantes ingressantes no curso de Jornalismo. Praticamente não há distinção entre jornalismo e notícia: ambos são “informação”. Ser jornalista, basicamente, é “informar”. Percebe-se a ressonância de *slogans* difundidos pela mídia: “informação 24 horas por dia”; “aqui você encontra informação”, ou “informação de qualidade”; “informação é o nosso esporte” etc.

A “informação”, no caso, trata-se de um objeto mercantilizado, cujo valor nem sempre está em si mesma, mas nas cifras que representa. Por isso a ênfase na quantidade de informação – e muitas vezes isso é posto à venda como índice de disponibilidade, diversidade, pluralidade, possibilidades. Muitas vezes o objetivo pretendido pela informação é principalmente gerar mais de si mesma, o que é notório nas redes sociais, com uma competição voraz por cliques, “curtidas”, comentários, compartilhamentos etc. A informação virou moeda, commodity, e menos tem a ver com compreensão daquilo que nos cerca no cotidiano da atualidade, lugar preferencial do jornalismo. Essa banalização e esse excesso interdita nossas possibilidades de experiência.

[...] A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está mais bem informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. [...] Além disso, seguramente todos já ouvimos que vivemos numa “sociedade de informação”. E já nos demos conta de que esta estranha expressão funciona às vezes como sinônima de “sociedade de aprendizagem”. Não deixa de ser curiosa essa troca, a intercambialidade entre os termos “informação”, “conhecimento” e “aprendizagem”. Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação. (LARROSA, 2014, p. 18-9)

O reducionismo do conhecimento, da sabedoria, da aprendizagem e do jornalismo encontra correspondência com a epistemologia positivista. Medina (2006) diz que esta visão de mundo atravessa os cânones do jornalismo e constitui o campo dominado pelo que ela chama de “signo da difusão”. Nele, o jornalismo é reduzido aos seus elementos mais tecnicistas que autolegitimam e autojustificam a técnica em si, como forças da natureza apartadas da cultura. O jornalista, aí, como um objeto-ferramenta da divulgação de fatos ‘objetivos’, também estes com tendência a ‘naturalizarem-se’, impondo-se como verdades absolutas.

Apesar e além da *ideologia da informação*, o jovem jornalista chega ao ensino superior com outras ideias para o que deseja a si, e, por algum tempo, assim será. Nas enquetes iniciais, quando perguntado sobre o porquê da escolha do curso e da profissão, “informar” não é resposta. Se, como diz Larrosa (2014), a informação é uma antiexperiência, são justamente as possibilidades de *experiência* que trazem o jovem à universidade. Convém, por isso, tornar bem clara a ideia de experiência que adotamos aqui:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA, 2014, p. 18)

Os estudantes de jornalismo expressam valores afetivos para qualificar suas escolhas pelo jornalismo: falam de “amor”, sobretudo de “paixão”; no mais, expressam de várias formas o desejo de interação com o mundo: querem vivê-lo, conhecê-lo, transformá-lo. Para Larrosa, a experiência é algo que implica uma abertura sem apriorismos ao mundo e ao “outro” como sujeito desse mundo. Essa abertura, esse deixar-se afeto ao outro significa um perigo³ e, portanto, uma possibilidade de crise, de transformação. Heidegger diz que fazer uma experiência significa

sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (HEIDEGGER apud LARROSA, 2014, p. 27)

³ A propósito, “experiência” e “perigo” compartilham o mesmo radical *periri*.

Por isso, o perigo e a paixão também significam uma oportunidade de aprendizagem. Em outro ponto, Larrosa (2014) nos diz o que a experiência representa em termos de possibilidade de reconexão entre a teoria e a prática:

A experiência funda também uma ordem epistemológica e uma ordem ética. O sujeito passional tem também sua própria força, e essa força se expressa produtivamente em forma de saber e em forma de práxis. O que ocorre é que se trata de um saber distinto do saber científico e do saber da informação, e de uma práxis distinta daquela da técnica e do trabalho.

O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana [...]. (LARROSA, 2014, p. 30)

Então, o estudante de jornalismo já inicia seu curso vivendo uma contradição. Apesar desse perfil ativo, desejoso de “aventuras”, elas já trazem consigo algumas das imagens que sustentam os ideais da objetividade jornalística – o que logo será reforçado por uma série de disciplinas, tanto “teóricas” quanto “práticas”. Tal como os demais membros dessa tribo chamada de “jornalistas”, os estudantes impõe-se várias interdições, como “manter distanciamento dos fatos”, ser “neutro”, “isento” e “imparcial”, sendo estas ideias as principais ferramentas de controle da identidade profissional, na medida em que contribuem para a imposição de um comportamento homogêneo ao mesmo tempo em que combatem qualquer desejo transformador.

Apesar de seus desejos, o jovem estudante vê o jornalismo limitado pelos “interesses do mercado” e pelo “engessamento” das normas e formas técnicas. Por isso realizam um discurso duplo, pois, ao passo em que pregam o desvencilhamento dessas amarras, eles também justificam o encaminhamento de suas pautas em nome do “interesse do leitor” (consumidor) e da proeficiência técnica. Na medida em que as forças da identidade profissional se sobrepõem aos desejos de transformação, a tendência é a confirmação do empoderamento do mercado e da técnica. Não é que aí se tenha resolvido o conflito, muito ao contrário; ele apenas torna-se, muitas vezes, latente. Por exemplo, o estudante não crê de fato na imparcialidade, mas sempre invoca tal valor para justificar suas ações. Daí essa espécie de “duplipensamento”, tal como definido por um dos personagens do romance “1984”:

Saber e não saber, ter consciência de completa veracidade ao exprimir mentiras cuidadosamente arquitetadas, defender simultaneamente duas opiniões opostas, sabendo-as contraditórias e ainda assim acreditando

em ambas; usar a lógica contra a lógica, repudiar a moralidade em nome da moralidade; crer na impossibilidade da democracia e que o Partido era o guardião da democracia; esquecer tudo quanto fosse necessário esquecer, trazê-lo à memória prontamente no momento preciso, e depois torná-lo a esquecer; e acima de tudo, aplicar o próprio processo ao processo. Essa era a sutileza derradeira: induzir conscientemente a inconsciência e então tornar-se inconsciente do ato de hipnose que se acabava de realizar. (ORWELL, 2003, p. 36-7).

Para muitos, de fato, a sobrevivência na carreira será entregar-se a uma razão cínica. O problema é que, em uma ponta, desacreditam-se os cursos de jornalismo; em outra, desacredita-se a própria profissão – algo mais problemático nestes tempos de crise aguda, de dúvidas diante do presente e incertezas diante do futuro. Tal diagnóstico já estava contido no Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação que deu origem às atuais Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para cursos de Jornalismo: “A ênfase na análise crítica da mídia, quando feita sem compromisso com o aperfeiçoamento da prática profissional, abala a confiança dos estudantes em sua vocação, destrói seus ideais e os substitui pelo cinismo” (BRASIL, 2009).

Por isso a ideia de discussão de uma “práxis jornalística”, de viver uma experiência dialógica entre teoria e prática, em que uma transforma a outra. Tal proposta de práxis – tanto pedagógica, quanto jornalística – fundamenta-se na terceira tese de Marx sobre Feuerbach:

A doutrina materialista sobre a modificação das circunstâncias e da educação esquece que as circunstâncias são modificadas pelos homens e que o próprio educador tem de ser educado. Ela tem, por isso, de dividir a sociedade em duas partes – a primeira das quais está colocada acima da sociedade.

A coincidência entre a altera[ção] das circunstâncias e a atividade ou automodificação humanas só pode ser aprendida e racionalmente entendida como **práxis revolucionária**. (MARX & ENGELS, 2007, p. 533-4, grifo do autor)

O sentido de “práxis” tem a potencialidade disruptora da hegemonia da ideologia da informação, a crença de que aprender – ou dar a aprender –, tanto na educação, quanto no jornalismo, se reduz a produzir e transmitir, adquirir e processar informações. Larrosa (2014, p. 19) enxerga nesse mecanicismo “velhas metáforas organicistas do social, que tantos jogos permitiram aos totalitarismos do século passado”, agora substituídas por

metáforas cognitivistas, seguramente também totalitárias, ainda que revestidas agora de um look liberal democrático. Independentemente de que seja urgente problematizar esse discurso que se está instalando sem crítica, a

cada dia mais profundamente, e que pensa a sociedade como um mecanismo de processamento de informação, o que eu quero apontar aqui é que uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível. (LARROSA, 2014, p. 20)

Na sala de aula, o laboratório do pensamento

Na disciplina trabalhada, “Práxis Jornalística”⁴, com alunos de terceiro semestre, trabalha-se com a metodologia da leitura-escritura, de Jorge Larrosa. O próprio autor chama simplesmente de “estudo” esse processo de aprendizagem, um ato contínuo em que se escreve ao ler, e se lê ao escrever:

Escribes lo que has leído, lo que, al leer, te ha hecho escribir. (...). Te pones en juego en relación a un texto ajeno. Lo entiendes o no, te gusta o no, estás de acuerdo o no. Sabes que lo más importante no es ni que el texto dice ni lo que tú seas capaz de decir sobre el texto. El texto sólo dice lo que tú lees. Y lo que tú lees no es ni lo que comprendes, ni lo que te gusta, ni lo que concuerda contigo. En el estudio, lo que cuenta es el modo como, en relación con las palabras que lees, tú vas a formar o a transformar tus palabras. Las que tú lees, las que tú escribas. Tus propias palabras. Las que nunca serán tuyas.

Estudiando, tratas de aprender a leer lo que aún no sabes leer. Y tratas de aprender a escribir lo que aún no sabes escribir. Pero eso será, quizá, más tarde. Ahora lees sin saber leer y escribes sin saber escribir. Ahora estás estudiando. (LARROSA, 2011, prólogo)

Para Larrosa (2014, p. 168), a sala de aula é “um interior sem móveis, um círculo de seres de palavra e, no meio, um texto”. O “interior sem móveis” é um espaço interno “da leitura, da escrita e da conversação”. Trata-se menos da estrutura física de uma sala, com paredes, mesas e cadeiras, mas, além de qualquer coisa, de um “espaço de interiorização, de subjetivação”. “Sem móveis” significa “sem marcas posicionais”, ou seja, sem as marcas das hierarquias, das ordenações, das identidades, do institucionalizado. É um espaço de e para a igualdade entre estudantes e professores (não como idênticos, mas como iguais, no sentido de não se valerem de uma posição de desigualdade), como “seres dotados de palavra”. E, no centro, a mediá-los, a presença de um texto sobre o qual os que desejam estudar leem e escrevem.

⁴ Eis a ementa da disciplina desde o segundo semestre de 2014: “Estudo dialógico das relações entre as teorias do jornalismo e as práticas profissionais. Estudo dialógico das relações entre os sujeitos e os objetos do jornalismo. Estudo dialógico das relações entre a natureza dos fatos e a cultura das notícias. Crítica de temas centrais como newsmaking, noticiabilidade, enquadramento, poder da imprensa e jornalismo pós-industrial.”

Ao longo do semestre se trabalha com uma variedade de textos, tanto em termos de gênero (teóricos; jornalísticos, como artigos e reportagens; artísticos etc.), quanto em termos de linguagem, formato e suporte (vídeos, fotografias, músicas etc.) – aqui, tudo é chamado de “escrituras”. Os estudantes são convidados a pensarem, falarem e escreverem sobre suas leituras, individualmente e/ou em grupo. Daí surgem outros temas e problemas que podem pautar a aula seguinte, ou mesmo as avaliações. Nesse sentido, o principal ato de leitura-escritura é realizado a partir de reportagens escritas pelos próprios estudantes. Pede-se que eles “leiam” não só as suas matérias – produto final –, mas todo o processo de escolhas que as constituem. Esse olhar que retoma o processo noticioso deve gerar novas escrituras a respeito, cotejando a prática experienciada com as referências da bibliografia.

Geralmente, os estudantes identificam suas ações nos conceitos e descrições presentes na literatura sobre jornalismo. Mas a ocorrência de “duplipensamentos” é frequente. Ou seja, muitas vezes o estudante identifica-se com figuras arquetípicas de nossa profissão, como a do “herói”, a do “cão de guarda, defensor da democracia”, além beber doses de “responsabilidade social” e de “espírito iluminista”, de quem pretende esclarecer o público sobre algo importante, ajudar as pessoas etc. Ao mesmo tempo, aponta em suas escolhas a presença de valores-notícia voltados para “chamar atenção”, como a notabilidade (TRAQUINA, 2005) e o interesse *do* público (WOLF, 2003).

Mas a releitura pode provocar reescrituras. As pressões em conjunto da proximidade do fechamento e das dificuldades de acesso às fontes podem levar os jovens jornalistas a colocar em dúvida as crenças depositadas no próprio processo industrial. Uma das estudantes relata: “Após o fim de nosso *deadline*, uma nota, pequena, crua e seca nos foi enviada [por uma fonte]. Mas nós nos contentamos com qualquer coisa que possa dar algumas aspas. Não sei se deveríamos”. Acontece que elas se reconheceram no papel reduzido descrito por Larrosa (2014), o de meras adquirentes e processadoras de informação.

Tuchman (apud TRAQUINA, 2005, p. 48) “afirma que o trabalho jornalístico é uma atividade prática diária, cujo ritmo exige uma ênfase nos acontecimentos e não nas problemáticas”. Embora a realização de coberturas diárias seja exceção na maior parte dos cursos de Jornalismo, dadas as dificuldades óbvias impostas pelos limites de infra-estrutura e do tempo pedagógico ser diferente do tempo da indústria, o que se observa é uma tentativa mais crítica contra uma das “doenças” de visão típicas da comunidade jornalística: a miopia. Schlesinger (apud TRAQUINA, 2005, p. 49) diz que “o sistema de ciclos ao longo do dia noticioso tende para a abolição da consciência história, criando uma perpétua série de

primeiros planos, à custa do aprofundamento e do *background*". Valores-notícia como a notabilidade (capacidade um acontecimento mostrar-se tangível, concreto) sobrevivem exatamente dessa lógica. Um dos casos estudados em sala de aula foi o dos protestos de estudantes secundaristas em São Paulo. As notícias 'fáceis' são sobre a ocupação das escolas, os conflitos com a polícia, os rostos machucados por cassetetes e *sprays* de pimenta. Evidentemente, a problemática que originou o levante dos secundaristas já está diante de nós a tempos, porém invisibilizada pela falta de um 'feito notável', magnânimo ou excêntrico, mas mnemônico. Na contramão de exemplos como esse, os jovens jornalistas propuseram pautas – e isso tem sido uma tendência – mais ligadas a problemáticas do que a acontecimentos.

As pautas, de modo crescente, talvez representem um certo "desejo de realidade". Ou seja, diante da realidade que não pode ser real, essa que muitas vezes identificamos na mídia, há o desejo por um outro real, o de uma experiência, a qual nos entregamos com paixão e afeto. É uma observação importante, porque propicia uma reconexão com os valores expressos lá nas enquetes iniciais, sobre o porquê da escolha do jornalismo.

Essas pautas nos falam sobretudo de protagonistas anônimos, abandonando-se a notoriedade como valor-notícia. Ao contrário, aqui, importa menos o quem pelo quem é, e mais o seu protagonismo. São preferencialmente histórias de mulheres, negros, LGBTs, estudantes, migrantes, artistas, periféricos e excluídos de toda sorte. São personagens que permitem enxergar as histórias na horizontalidade (a visão do campo ampliado), ao contrário dos padrões clássicos de noticiabilidade que exploram as verticalidades (a visão do ponto isolado que se destaca). Nem sempre é tarefa fácil; às vezes, a proposta horizontal se perde nos vícios da verticalidade, mas o fundamental é que essas tentativas estejam ocorrendo com mais frequência.

A reconexão com a "paixão" pelo e por meio do jornalismo pode ser compreendida como uma tentativa de reconexão com a vida, uma reação a *noticiabilidade do irreal*. Diz Larrosa (2014) que

[...] quando nada é válido como real, então é quando temos essa sensação de irrealidade [...], e não só não sabemos onde vivemos como não sabemos sequer se vivemos uma vez que não "nos sentimos viver", e então "sucumbimos", ainda que continuemos caminhando sobre nossas pernas, tão tranquilos. Por isso o real está relacionado com a vida. E o sentimento de irrealidade, esse que faz com que a pessoa sucumba ou não se sinta viver quando já nada "se torna real", está muito ligado ao sentimento de certa desvitalização da vida, a esse sentimento que nos faz dizer que esta vida não é vida, ou que a vida está em outra parte. [...] Por isso, do mesmo modo que

reclamamos que a vida esteja viva, reclamamos também que a realidade seja real, quer dizer, que tenha a legitimidade, a força, a presença, a intensidade e o brilho do real. (LARROSA, 2014, p. 107-8)

As experiências vividas até este momento nos fazem pensar, parafraseando Plínio Marcos, que quando o jornalismo parece estar perdido, é porque ainda está para ser salvo.

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz. (PESSOA, 1991, p. 99-100)

Professores e jornalistas, nossa práxis e a do guardador de rebanhos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação (Portaria MEC-Sesu 203/2009). Propõe as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo. Ministério da Educação, Brasília, DF, 18 set. 2009.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**. México: Fondo de Cultura Económica, 2011. E-BOOK. Formato iBooks (Apple).

____. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

ORWELL, George. **1984**. 29 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2003.

PESSOA, Fernando. **O guardador de rebanhos e outros poemas**. São Paulo: Círculo do Livro, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Vol. 2 – A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.